1

O dia que acabou com tudo o que havia de diferente na vida de Raimund Gregorius começou como tantos outros dias. A um quarto para as oito, desceu do Bundesterrasse e atravessou a Kirchenfeldbrücke, que une o coração da cidade ao Gymnasium. Fazia isso todos os dias úteis, à mesma hora, durante o período letivo. Uma vez, quando a ponte estava bloqueada, cometeu o erro na aula de iniciação ao grego mais tarde. Tal nunca tinha acontecido nem voltou a acontecer. Durante dias, a escola inteira não falou de outra coisa senão deste erro. Quanto mais a discussão durava, mais se pensava que fosse um erro de audição. Por fim, esta convicção sobrepôs-se até entre os estudantes que tinham estado presentes na aula. Era simplesmente inconcebível que Mundus, como todos lhe chamavam, cometesse um erro em grego, latim ou hebraico.

Gregorius olhou em frente para as torres pontiagudas do Museu de História da Cidade de Berna, erguendo o olhar até à montanha Gurten e descendo-o até ao rio Aare, com a sua água verde glaciar. Uma rajada de vento fez cair as nuvens baixas sobre ele, virou-lhe o guarda-chuva do avesso e vergastou-lhe a cara com chuva. Reparava agora na mulher no meio da ponte. Tinha os cotovelos pousados no gradeamento e, sob a chuva torrencial, parecia ler uma carta. Devia estar a agarrar a folha com ambas as mãos. Quando Gregorius se aproximou, ela amassou subitamente o papel, fez uma pequena bola e atirou-a para o espaço com um movimento violento. Instintivamente, Gregorius tinha caminhado mais depressa e estava agora a apenas alguns passos dela. Viu a raiva na sua cara pálida e molhada pela chuva. Não era uma raiva passível de ser posta em palavras e esquecida. Era uma raiva cruel interior que

devia estar a fervilhar dentro dela há muito tempo. Agora, a mulher inclinava-se sobre o gradeamento com os braços esticados e os calcanhares fora dos sapatos. *Agora, vai saltar*. Gregorius largou o guarda-chuva numa rajada de vento que o fez voar por cima do gradeamento, atirou a pasta cheia de cadernos da escola para o chão e murmurou uma série de palavrões que não faziam parte do seu vocabulário habitual. A pasta abriu-se e os cadernos deslizaram pelo passeio molhado. A mulher voltou-se. Durante alguns momentos, ficou imóvel a ver os cadernos enegrecerem-se com a água. Depois, tirou uma caneta de feltro do bolso do casaco, deu dois passos, inclinou-se sobre Gregorius e escreveu uma série de números na sua testa.

— Perdoe-me — disse ela em francês, sem fôlego e com um sotaque estrangeiro —, mas não posso esquecer-me deste número de telefone e não tenho papel comigo.

Ela olhava agora para as mãos como se fosse a primeira vez que as via.

— É claro que podia… — E agora, olhando para a testa de Gregorius e para a sua mão, escreveu os números nas costas da mão. — Eu… Eu não queria guardá-lo, queria esquecer tudo, mas quando vi a carta cair… soube que tinha de o guardar.

A chuva nas lentes grossas de Gregorius toldava-lhe a visão e ele tateou desajeitadamente em busca dos cadernos molhados. A ponta da caneta de feltro pareceu deslizar novamente sobre a sua testa, mas percebeu, entretanto, que eram os dedos da mulher, que tentava limpar os números com um lenço de bolso.

— Passei os limites, eu sei… — E começou a ajudar Gregorius a recolher os cadernos. Ele tocou-lhe na mão e roçou-lhe o joelho, dando uma cabeçada leve quando tentaram os dois pegar no último caderno.

— Muito obrigado — disse ele, quando ficaram de pé a fixar-se. Ele apontou para a cabeça dela. — Doeu?

Sem pensar, a olhar para baixo, ela abanou a cabeça. A chuva batia-lhe no cabelo e escorria-lhe pela cara.

— Posso caminhar um pouco consigo?

— Ah… sim, claro — gaguejou Gregorius.

Caminharam silenciosamente até ao final da ponte e em direção à escola. O sentido do tempo disse a Gregorius que passava das oito e que a primeira hora de aulas já tinha começado. Quão longe seria «um pouco»? A mulher ajustou-se ao ritmo dele e marchou ao seu lado como se assim fosse seguir o dia inteiro. Puxou a gola larga do casaco de tal maneira que, de lado, Gregorius apenas lhe via a testa.

— Tenho de entrar aqui, no Gymnasium — disse ele, imóvel. — Sou professor.

— Posso ir consigo? — perguntou ela, gentilmente.

Gregorius hesitou e limpou os óculos molhados com a manga.

— Bem, pelo menos lá dentro está seco — disse, por fim.

Quando ela subiu as escadas, Gregorius segurou-lhe a porta e ficaram de pé no *hall*, que parecia particularmente vazio e silencioso agora que as aulas tinham começado. O casaco dela pingava.

— Espere aqui — disse Gregorius antes de ir buscar uma toalha à casa de banho.

Em frente ao espelho, secou os óculos e limpou a cara. Os números ainda estavam visíveis na sua testa. Molhou uma ponta da toalha com água quente e, quando ia começar a esfregar, parou a meio do movimento. *Foi esse momento que decidiu tudo*, pensaria horas mais tarde ao recordar o acontecimento. Isto é, subitamente, percebeu que não *queria* apagar os sinais do encontro com esta mulher misteriosa.

Imaginou-se a aparecer mais tarde em frente à turma com um número de telefone na cara. Ele, Mundus, a pessoa mais fiável e previsível naquele edifício e, provavelmente, em toda a história da escola, que ali trabalhava há mais de trinta anos, impecável na sua profissão, um pilar da instituição, um pouco aborrecido talvez, mas respeitado e até temido na universidade pelo fascinante conhecimento de línguas clássicas, gozado carinhosamente pelos alunos que o punham à prova todos os anos quando lhe telefonavam a meio da noite a fazer perguntas sobre uma passagem remota de um texto antigo e recebiam da ponta da língua informação direta e completa, incluindo um comentário crítico com possíveis significados alternativos, tudo apresentado perfeita e calmamente sem vestígio algum de irritação pelo incómodo. Mundus,

um homem com um nome terrivelmente antiquado, até arcaico, que simplesmente *tinha* de ser abreviado e que *não se podia* abreviar de qualquer outra forma que não uma abreviação que revelasse o caráter deste homem de uma forma que mais nenhuma palavra conseguia fazer, pois o que carregava em si enquanto filólogo era um mundo inteiro, ou aliás, vários mundos inteiros, já que além das passagens em grego e em latim, a sua cabeça continha o hebraico que tinha fascinado vários académicos do Antigo Testamento. *Se quiserem ver um verdadeiro académico*, dizia o diretor quando o apresentava a uma nova turma, *aqui o têm.*

Este académico, Gregorius pensava agora, este homem seco que parecia ser constituído apenas por palavras mortas, que recebera maliciosamente a alcunha de *O Papiro* por parte dos colegas que invejavam a sua popularidade; este académico entraria na sala com um número de telefone escrito na testa por uma mulher desesperada, aparentemente dividida entre a fúria e o amor, uma mulher num casaco de cabedal vermelho com uma voz maravilhosamente suave, com um sotaque sulista de um arrastar hesitante que cativava quem o ouvisse.

Quando Gregorius lhe trouxe a toalha, a mulher segurou um pente entre os dentes e usou a toalha para esfregar o longo cabelo preto recolhido na gola do casaco como se numa tigela. O contínuo entrou no *hall* e, ao ver Gregorius, lançou um olhar espantado ao relógio sobre a saída e depois ao relógio de pulso. Gregorius acenou-lhe com a cabeça, como fazia sempre. Um estudante passou apressado, virou-se duas vezes e seguiu caminho.

— Eu ensino ali em cima — disse Gregorius à mulher, apontando através de uma janela para outra parte do edifício. Passaram-se alguns segundos. Ele sentiu o coração bater. — Quer vir comigo?

Mais tarde, não acreditava ter dito isso, mas deve tê-lo feito, pois caminharam lado a lado até à sala de aulas; ele ouvia os guinchos das suas solas de borracha no linóleo e o barulho das botas da mulher.

— Qual é a sua língua-mãe? — perguntava-lhe agora.

— *Português* — respondeu ela, em português.

Para ele, a pronúncia surpreendente da letra *o* como um *u*, a subida e leveza estranhamente contida do *é* e a suavidade do *sh* do final,

resultavam numa melodia que parecia muito mais longa do que era realmente, uma melodia que ele podia ouvir o dia inteiro.

— Espere — disse ele e tirou o caderno do bolso do casaco, arrancando uma folha: — Para o número.

Ele segurava a maçaneta quando lhe pediu que dissesse a palavra mais uma vez. Ela repetiu-a e, pela primeira vez, ele viu-a sorrir.

A conversa parou abruptamente quando entraram na sala. O silêncio de um espanto único preencheu a sala. Mais tarde, Gregorius recordou-se precisamente: tinha apreciado este silêncio surpreendente, esta incredulidade sem palavras que emanava de cada rosto e tinha também desfrutado da sua capacidade de se sentir de uma forma que não acreditava ser possível.

Que está a acontecer? Era a questão que acompanhava cada um dos vinte olhares que incidiam sobre o casal peculiar à porta, sobre Mundus, de careca molhada e casaco enegrecido pela chuva ao lado de uma mulher pálida de cabelo penteado à pressa.

— Talvez aqui? — disse Gregorius à mulher, apontando para a cadeira vazia no canto traseiro da sala. Depois, avançou, cumprimentou a turma como habitualmente e sentou-se à secretária. Não fazia ideia de como explicar o sucedido, então simplesmente mandou-os traduzir o texto sobre o qual estavam a trabalhar. As traduções foram periclitantes e ele deu conta de alguns olhares curiosos. Havia também olhares perplexos, pois ele (ele, Mundus, que reconhecia cada erro até a dormir) estava a ignorar dezenas de erros, meias-medidas e constrangimentos.

Conseguiu não olhar para a mulher. No entanto, de cada vez que a via, via as madeixas molhadas que lhe tocavam a face, as mãos brancas cerradas, o olhar distante, perdido para lá da janela. A certa altura, tirou a caneta e escreveu o número de telefone na folha do caderno. Depois recostou-se novamente, parecendo mal saber onde estava.

Era uma situação impossível e Gregorius olhou de relance para o relógio: faltavam dez minutos para o intervalo. A mulher, então, levantou-se e caminhou suavemente até à porta. Aí, virou-se para ele e levou o dedo aos lábios. Ele acenou-lhe e ela retribuiu o gesto com um sorriso. Depois, a porta fechou-se com um clique suave.

A partir desse momento, Gregorius não ouviu mais nada do que os alunos disseram. Parecia estar completamente sozinho, envolto num silêncio entorpecedor. A dada altura, ficou de pé à janela e observou a figura feminina de vermelho até desaparecer ao virar da esquina. Sentiu dentro de si um esforço para não correr atrás dela. Não parava de ver o dedo nos seus lábios, que podia significar tantas coisas: *Não quero incomodar*, e *É o nosso segredo*, mas também *Deixa-me ir, isto não pode continuar.*

Quando a campainha tocou para o intervalo, ele permaneceu imóvel à janela. Atrás de si, os estudantes saíram mais silenciosamente do que o habitual. Mais tarde, saiu também, abandonou o edifício através da porta traseira e sentou-se do outro lado da estrada, na biblioteca pública, onde ninguém o procuraria.

Para a segunda parte da aula, chegou a horas como sempre. Tinha esfregado os números da testa, que, após um minuto de hesitação, apontou no caderno. Depois, secou a franja fina de cabelos grisalhos. Apenas algumas partes húmidas do casaco e das calças revelavam ainda que algo inusitado se tinha passado. Retirava agora a pilha de cadernos ensopados de dentro da pasta.

— Um acidente — disse sucintamente. — Tropecei e caíram quando estava a chover. As correções devem estar legíveis, ainda assim; caso contrário, têm de trabalhar nas vossas conjeturas.

Era esta versão de si que conheciam e um suspiro de alívio audível atravessou a sala. Aqui e ali ainda vislumbrava um olhar curioso e um resquício de timidez presente em algumas vozes. Fora isso, tudo tinha voltado ao normal. Escreveu no quadro os erros mais frequentes e, depois, deixou os estudantes trabalhar em silêncio.

Poderia o que lhe aconteceu no quarto de hora seguinte ser chamado de uma decisão? Mais tarde, Gregorius continuaria a fazer esta pergunta sem nunca estar certo da resposta. Mas, se não era uma decisão, o que era então?

Começou quando olhou subitamente para os alunos dobrados sobre os cadernos como se fosse a primeira vez que os via.

Lucien von Graffenried, que secretamente movera uma peça no torneio anual de xadrez no auditório, onde Gregorius jogara partidas

simultâneas contra uma dúzia de alunos. Após as jogadas nos outros tabuleiros, Gregorius estava novamente diante de si. Reparou de imediato no sucedido. Olhou para ele calmamente, a cara de Lucien de um vermelho flamejante.

— Um golpe baixo vindo de ti — disse-lhe Gregorius que se certificou de que o jogo terminaria num empate.

Sarah Winter, que aparecera à porta do seu apartamento às duas da manhã sem saber o que fazer à sua gravidez. Ele fez-lhe um chá e ouviu-a, nada mais do que isso.

— Fico tão feliz de ter seguido os seus conselhos — disse ela uma semana depois. — Seria demasiado cedo para ter um bebé.

Beatrice Lüscher com a sua caligrafia metódica e meticulosa, que parecia envelhecer assustadoramente rápido sob o fardo das suas conquistas sempre perfeitas. Renée Zingg, sempre no extremo mais baixo da escala.

E, naturalmente, Natalie Rubin. Uma rapariga que era parca com os seus favores, um pouco como uma donzela antiga, reservada, idolatrada e temida pela sua língua afiada. Na semana anterior, após o toque da campainha, levantou-se, espreguiçou-se como alguém confortável com o corpo e tirou uma guloseima do bolso da camisa. A caminho da porta, desembrulhou-a e, ao passar por ele, levou-a à boca. Mal tinha tocado os lábios quando interrompeu o movimento e se virou para ele, erguendo a guloseima de um vermelho vivo e perguntou:

— Quer? — Satisfeita com a perplexidade dele, deu uma estranha gargalhada leve e certificou-se de que a sua mão tocava na dele.

Gregorius observou-os a todos. Primeiro, parecia apenas estar a esquematizar um balanço dos sentimentos por eles. Depois, a meio das filas de carteiras, reparou que pensava mais amiúde: *Quanta vida têm à frente deles; o seu futuro completamente em aberto; há tanto que ainda lhes pode acontecer; há tantas experiências que ainda podem ter!*

Português. Ouviu a melodia e viu o rosto da mulher emergir de olhos fechados por trás da toalha, branco como alabastro. Deslizou o olhar pelas cabeças dos alunos uma última vez. Depois, levantou-se lentamente, caminhou até à porta onde tirou o casaco húmido do cabide e desapareceu da sala, sem se voltar.

A pasta com os livros que o acompanharam uma vida inteira permaneceu na secretária. No topo das escadas fez uma pausa e recordou como, a cada par de anos, levara os livros para serem novamente encadernados, sempre à mesma loja, onde se riam das páginas gastas e dobradas que mais pareciam papel mata-borrão. Enquanto a pasta permanecesse na secretária, os alunos presumiriam o seu regresso. Mas não foi esse o motivo pelo qual deixou para trás os livros ou pelo qual resistiu à tentação de os ir buscar. Se partisse agora, também teria de se afastar desses livros. Sentia isto de uma forma muito clara, mesmo se, neste momento em que saía pela porta, não soubesse o que isso realmente significava: partir.

Junto à entrada, o olhar caiu sobre a pequena poça que se tinha formado sob o casaco encharcado da mulher enquanto ela esperava que ele regressasse da casa de banho. Era o vestígio de uma visita de um outro mundo distante e Gregorius contemplava-o com uma devoção normalmente reservada a descobertas arqueológicas. Apenas quando ouviu os passos errantes do contínuo se libertou e saiu apressadamente do edifício.

Sem se voltar, dobrou a esquina, de onde poderia olhar para trás sem ser visto. Com uma súbita força que nem ele próprio esperava de si, sentiu quanto amava aquele edifício e tudo o que representava, quantas saudades sentiria. Voltou a verificar os números: há quarenta e dois anos, enquanto estudante de quinze anos, entrou pela primeira vez no Gymnasium, num misto de expetativa e apreensão. Quatro anos depois, saiu com um diploma na mão, para regressar após outros quatro anos enquanto substituto do professor de grego que tivera um acidente, o mesmo professor que anos antes lhe tinha aberto o horizonte do mundo antigo. O estudante substituto tornou-se um estudante substituto permanente que tinha já trinta e três anos quando completou, por fim, os exames da universidade.

Fê-lo, apenas, porque Florence, a sua mulher, o pressionou para tal. Nunca tinha pensado num doutoramento; se alguém lhe falasse disso, ter-se-ia rido simplesmente. Essas coisas não importavam. O que importava era bastante simples: conhecer os textos antigos até ao mais

ínfimo pormenor, reconhecer cada pormenor gramatical e estilístico e saber a história de cada uma dessas expressões. Por outras palavras: ser *bom*. Não se tratava de modéstia; as suas exigências consigo próprio eram pura imodéstia. Nem era, também, excentricidade ou um tipo de vaidade retorcida. Tinha sido, pensava ele, por vezes, mais tarde, uma raiva silenciosa dirigida a um mundo pomposo, uma insolência inflexível contra o mundo de gabarolas que fizeram o pai sofrer toda a vida por ser apenas guarda de um museu. Outros que sabiam muito menos do que ele — ridiculamente menos, para dizer a verdade — tinham obtido os graus académicos e cargos sólidos: pareciam pertencer a um outro mundo insuportavelmente superficial, com padrões por ele desprezados. Na escola ninguém teria a ideia de o demitir e substituir por alguém com um grau académico. O diretor, ele próprio um filólogo de línguas clássicas, sabia quão bom Gregorius era, muito melhor do que ele, e sabia que os estudantes se revoltariam. Quando, finalmente, fez os exames, pareceram-lhe absurdamente simples, tendo-os terminado em metade do tempo. Sempre guardou um ligeiro rancor por Florence por esta o ter feito desistir da sua insolência.

Gregorius virou-se e caminhou devagar em direção à Kirchenfeldbrücke. Quando viu a ponte, teve a sensação espantosa, tão perturbadora quanto libertadora, de que, aos cinquenta e sete anos, estaria prestes a tomar as rédeas da sua vida pela primeira vez.

2

No sítio onde a mulher tinha lido a carta sob a chuva torrencial, ele ficou imóvel e olhou para baixo. Pela primeira vez, teve consciência de quão profunda seria a queda. Teria ela querido mesmo saltar? Ou teria sido apenas uma interpretação impetuosa da parte dele, remontando ao irmão de Florence que também tinha saltado de uma ponte? Excetuando o pormenor de que a sua língua materna era o português, ele não sabia mais nada sobre a mulher. Nem sequer o nome. Naturalmente, seria absurdo tentar reconhecer a carta amassada daquela altura, mas, ainda assim, olhou para baixo, fazendo os olhos lacrimejar com o esforço. Seria aquele ponto escuro o seu guarda-chuva? Apalpou o casaco para se assegurar de que o caderno com o número escrito na sua testa pela portuguesa sem nome ainda ali estava. Caminhou então até ao final da ponte, sem saber para onde virar a seguir. Estava a iniciar a fuga da sua vida anterior. Poderia alguém com esse objetivo simplesmente ir para casa?

O seu olhar caiu sobre o Hotel Bellevue, o hotel mais antigo e distinto da cidade. Milhares de vezes passou por este edifício sem nunca lá entrar. A cada vez que por ele passava sentia a sua presença e pensava agora, vagamente, quão importante essa presença era para si; ficaria aborrecido se soubesse que o edifício tinha sido demolido ou deixado de ser um hotel — ou mesmo este hotel, concretamente. No entanto, nunca lhe passou pela cabeça que ele, Mundus, tivesse qualquer motivo para entrar. Timidamente, aproximou-se da entrada. Um *Bentley* parou, o *chauffeur* saiu do carro e entrou no hotel. Quando Gregorius o seguiu, fê-lo com a sensação de fazer algo absolutamente revolucionário, proibido até.

O *lobby*, com a sua cúpula de vidro colorido, estava vazio e a alcatifa abafava qualquer som. Gregorius ficou contente por a chuva ter parado e porque o casaco não estava a pingar. Com os sapatos pesados e desajeitados, entrou no salão de jantar. Apenas duas das mesas postas para o pequeno-almoço estavam ocupadas. Notas leves de um *divertimento* de Mozart davam a impressão de que ali se estava longe de tudo o que fosse barulhento, feio ou opressivo. Gregorius tirou o casaco e sentou-se numa mesa perto da janela. Não, disse ele ao empregado de mesa de casaco bege, não era um hóspede do hotel. Sentiu-se escrutinado: a gola alta grossa debaixo do casaco gasto com cotoveleiras de cabedal; as calças largas de bombazina; a franja de cabelo grisalho escasso em redor do poderoso cocuruto careca; a barba grisalha com pontos brancos que o fazia sempre parecer um pouco mal-arranjado. Quando o empregado de mesa se afastou com o pedido, Gregorius verificou nervosamente se tinha consigo dinheiro suficiente. Depois, apoiou os cotovelos na toalha de mesa engomada e pousou o olhar sobre a ponte.

Seria absurdo esperar que ela ali ressurgisse novamente. Teria passado a ponte e desaparecido num beco da Cidade Antiga de Berna. Ele imaginou-a sentada ao fundo da sala de aula, a olhar distraidamente pela janela. Viu-a retorcer as mãos brancas. De novo, viu a sua cara branca de alabastro surgir por trás da toalha, exausta e vulnerável. *Português*. Hesitante, tirou o caderno do bolso e olhou para o número de telefone. O empregado trouxe o pequeno-almoço com vasilhames de prata. Gregorius deixou o café arrefecer. A certa altura levantou-se e caminhou até ao telefone. A meio do percurso deu meia-volta e regressou à sua mesa. Pagou o pequeno-almoço em que não tocou e saiu do hotel.

Contavam-se anos desde que tinha entrado na livraria espanhola em Hirschengraben. Uma ou outra vez, tinha lá ido buscar livros para Florence, necessários para a sua tese sobre San Juan de la Cruz. Às vezes, folheava-os no autocarro, mas em casa nunca lhes tocava. Espanhol era o território dela. Era como o latim e, ao mesmo tempo, completamente diferente do latim, e isso incomodava-o. Era a contragosto que

palavras nas quais o latim estava tão presente saíssem de bocas contemporâneas — na rua, no supermercado, no café. Que estivessem habituadas a pedir *Coca-Cola*, a regatear e a dizer palavrões. Era uma ideia difícil de aceitar e ele tentava afastá-la rápida e violentamente assim que surgia. Naturalmente, os romanos também regateavam e diziam palavrões, mas isso era diferente. Amava as frases em latim porque carregavam em si a calma de tudo o que pertencia ao passado. Porque não o obrigavam a dizer alguma coisa. Porque eram um discurso para lá da conversa. E porque eram belas na sua imutabilidade. Línguas mortas — quem assim se referia a elas não tinha ideia, não tinha ideia nenhuma, realmente, e Gregorius podia ser duro e inflexível no desprezo por estas pessoas. Quando ouvia Florence falar espanhol ao telefone, fechava a porta. Era algo que a ofendia, mas que ele não lhe conseguia explicar.

A livraria cheirava maravilhosamente a cabedal antigo e a pó. O dono, um homem idoso com um conhecimento lendário das línguas românicas, estava ocupado na sala das traseiras. A sala da frente estava vazia, com exceção de uma jovem que parecia ser uma estudante. Estava sentada numa mesa de canto e lia um livro fino de lombada amarela. Gregorius teria preferido estar sozinho. A sensação de estar ali apenas por causa da melodia de uma palavra em português não o abandonava e, talvez também por não saber onde ir, essa sensação fosse mais fácil de suportar sem testemunhas. Caminhou ao longo das estantes sem ver nada. De vez em quando inclinava os óculos para ler um título numa prateleira mais alta, mas assim que o lia esquecia-o de imediato. Como de costume, estava sozinho com os seus pensamentos e a sua mente estava fechada ao mundo exterior.

Quando a porta se abriu, virou-se rapidamente e, compreendendo a sua desilusão ao ver o carteiro, concluiu que, contrariamente à sua intenção e contra qualquer lógica, ainda esperava pela mulher portuguesa. A estudante fechava agora o livro e levantava-se, mas em vez de o colocar na mesa com os restantes livros, ficou parada, deixou os olhos percorrer a lombada amarela, acariciou-a com a mão e, apenas segundos mais tarde, pousou o livro na mesa, de um modo tão suave e

cuidadoso que parecia que se podia desfazer em pó ao mínimo toque. Então, por um momento, ficou em pé à beira da mesa, como se pudesse reconsiderar e comprar o livro, mas saiu, cabisbaixa e com as mãos enfiadas nos bolsos do casaco. Gregorius pegou no livro e leu: *Amadeu Inácio de Almeida Prado. Um Ourives das Palavras, Lisboa 1975.*

O livreiro entrou, olhou para o livro e pronunciou o título em voz alta. Gregorius ouviu apenas um fluxo de sons sibilantes; as vogais meio engolidas, dificilmente audíveis, pareciam apenas um pretexto para continuar a repetir o *sh* serpenteado do final das palavras.

— Fala português?

Gregorius abanou a cabeça.

— Um ourives das palavras. Não é um título lindo?

— Calmo e elegante. Como prata fosca. Pode dizê-lo outra vez em português?

O livreiro repetiu as palavras. Além das palavras em si, percebia-se quanto gostava do som aveludado. Gregorius abriu o livro e folheou-o até encontrar o texto. Deu-o ao homem que o fitou com surpresa e agrado e começou a ler em voz alta. Enquanto escutava, Gregorius fechou os olhos. Após algumas frases, o homem fez uma pausa.

— Quer que traduza?

Gregorius assentiu. E então ouviu frases que o espantaram, pois pareciam ter sido escritas apenas para si, e não apenas para si, mas para si nesta manhã que mudara tudo.

Das mil vivências que temos, a língua aparece-nos como apenas uma e meramente por acaso e sem o cuidado que merece. Enterradas sob todas as experiências silenciosas estão as vivências invisíveis que dão forma, cor e melodia à nossa vida. Então, quando nos voltamos para estes tesouros, como arqueólogos da alma, descobrimos quão confusos são. O objeto de contemplação recusa-se a permanecer quieto, as palavras ressaltam da experiência e, no final, o papel apresenta contradições puras. Durante muito tempo, pensei que tal fosse um defeito, algo a ultrapassar. Hoje, acredito que é algo diferente: o reconhecimento da confusão é o caminho ideal para compreender estas experiências íntimas e enigmáticas. Tudo isto soa de forma estranha, até bizarra, eu sei. Mas desde que vi a questão por este prisma, tenho a sensação de estar verdadeiramente acordado e vivo pela primeira vez.

— Esta é a introdução — disse o livreiro e começou a folhear o livro. — Agora, a cada passagem, parece começar a escavar as experiências enterradas. A ser o arqueólogo de si próprio. Algumas passagens ocupam várias páginas e outras são bastante curtas. Olhe aqui, por exemplo, este fragmento é apenas uma frase. — Traduziu:

Uma vez que apenas podemos viver uma pequena parte daquilo que há dentro de nós, o que acontece com o resto?

— Gostava de ficar com o livro — disse Gregorius.

O livreiro fechou-o cuidadosamente e passou a mão pela lombada, de forma tão afetuosa quanto a estudante que o fizera antes.

— Encontrei-o no ano passado numa caixa de tralha de uma loja de livros em segunda mão, em Lisboa. E agora recordo-me: comprei-o porque gostei da introdução. De alguma maneira, perdi-o de vista. — Olhou para Gregorius que, desajeitadamente, procurava a pasta. — Ofereço-lho. É um presente.

— Isso é… — Gregorius pigarreou e aclarou a garganta.

— Não custou quase nada — disse o livreiro, entregando-lhe o livro. — Agora estou a recordar-me de si: San Juan de la Cruz, não é?

— A minha mulher — disse Gregorius.

— Então, o senhor é o filólogo clássico de Kirchenfeld, ela falava de si. E, mais tarde, ouvi também alguém falar de si. Fazia-o parecer uma enciclopédia andante. — Riu-se. — Uma enciclopédia popular, é certo.

Gregorius pôs o livro no bolso do casaco e estendeu a mão.

— Muito obrigado.

O livreiro acompanhou-o à porta.

— Espero não ter…

— De todo — disse Gregorius, tocando-lhe no braço.

Na Bubenbergplatz, ficou quieto e olhou em seu redor. Tinha passado aqui a vida inteira, sabia por onde ir, estava em casa. Para alguém tão míope quanto ele, isso era importante. Para alguém como ele, a cidade em que vivia era como uma concha, uma caverna acolhedora, uma estrutura segura. Tudo o resto representava perigo. Apenas alguém de lentes tão grossas podia compreender isso. Florence não o compreendia. E, talvez pela mesma razão, ela não tivesse compreendido que ele

não gostava de voar. Entrar num avião e aterrar, horas depois, num mundo completamente diferente, sem tempo de assimilar imagens individuais da rua, era algo de que não gostava e que o incomodava. *Não está certo*, disse ele a Florence. *Como assim, não está certo?*, perguntou ela, irritada. Ele não lhe sabia explicar e, como tal, ela voava muitas vezes sozinha ou com outras pessoas, habitualmente para a América do Sul.

Gregorius parou em frente a uma montra do Cinema Bubenberg. A última sessão era uma adaptação a preto-e-branco de um romance de Georges Simenon: *L'homme qui regardait passer le trains.* Ele gostou do título e olhou para as imagens do filme durante muito tempo. No final dos anos 70, quando toda a gente comprou televisores a cores, ele tentou dias a fio e em vão comprar outro televisor a preto-e-branco. Finalmente, levou para casa um que encontrou no lixo. Mesmo depois de se casar, guardou-o teimosamente, mantendo-o no escritório. Quando estava sozinho, ignorava o televisor a cores da sala de estar e ligava a geringonça que tremeluzia e ia fazendo rodopiar as imagens. *Mundus, és impossível*, disse Florence um dia, ao vê-lo em frente à caixa feia e deformada. Quando ela começou a dirigir-se a ele como os outros faziam, e até em casa era tratado como um factótum da cidade de Berna, começou o início do fim. Quando o televisor a cores desapareceu do apartamento com o divórcio, suspirou de alívio. Apenas anos mais tarde comprou um novo televisor a cores, quando o mono a preto-e-branco se estragou de vez.

As fotografias do filme na montra eram grandes e claras. Uma delas mostrava o rosto pálido de alabastro de Jeanne Moreau a afastar madeixas molhadas de cabelo da testa. Gregorius afastou-se e entrou num café ali perto para examinar melhor o livro do aristocrata português que tentara articular-se a si próprio e às suas experiências mudas por palavras.

Apenas agora, ao folhear lentamente cada uma das páginas com a atenção cuidadosa de um bibliófilo, é que descobriu o retrato do autor: uma fotografia antiga, já amarelada na altura em que o livro tinha sido impresso, as superfícies outrora pretas descoloradas num

tom acastanhado, a cara radiante num fundo de escuridão sombria e granulada. Gregorius limpou os óculos, colocou-os e, dentro de alguns minutos, estava completamente absorto naquele rosto.

O homem devia ter trinta e poucos anos e radiava uma inteligência, autoconfiança e coragem que deslumbraram Gregorius. A cara alegre de testa alta era coberta por um luxuriante cabelo negro e brilhante, penteado para trás como um capacete, com algumas madeixas soltas que caíam em ondas suaves sobre as orelhas. Um estreito nariz romano dava ao rosto grande clareza, apoiada em sobrancelhas fortes, como traves sólidas pintadas com pinceladas largas que se esbatiam nas pontas e se concentravam no meio, onde se encontravam os pensamentos. Os lábios grossos curvados, que não seriam surpreendentes no rosto de uma mulher, eram emoldurados por um bigode e uma barba aparada, e a sombra negra que recaía sobre o pescoço magro dava a Gregorius uma impressão de certa rudeza e dureza. Ainda assim, eram os olhos escuros que determinavam tudo. Eram salientados por sombras, não sombras de cansaço, exaustão ou doença, mas sombras de seriedade e melancolia. No olhar escuro, a gentileza mesclava-se com a afoiteza e a rigidez. O homem era um sonhador e um poeta, pensou Gregorius, mas, ao mesmo tempo, alguém que conseguiria resolutamente manejar uma arma ou uma faca, alguém de quem seria melhor fugir se os olhos flamejassem, olhos esses que poderiam afastar um exército de gigantes, olhos que não desconheciam olhares malévolos. No que vestia, apenas era visível a gola branca da camisa e o nó da gravata, com um casaco que Gregorius imaginava ser uma sobrecasaca.

Era quase uma hora da tarde quando Gregorius emergiu do estado absorto que o retrato provocou em si. Mais uma vez, o café arrefecera à sua frente. Desejava poder ouvir a voz do homem português e observar como se mexia. Mil novecentos e setenta e cinco: se na altura tinha trinta e poucos anos, estaria agora a passar os sessenta. *Português*. Gregorius recordou a voz da mulher portuguesa sem nome, transpondo-a para um tom mais grave na sua mente, mas sem a igualar à voz do livreiro. Devia ser uma voz de uma clareza melancólica, correspondendo precisamente à face de Amadeu de Prado. Tentou fazer as frases do livro

ressoar com esta voz, mas não resultou; não sabia como pronunciar as palavras individualmente.

Lá fora, Lucien von Graffenried passou pelo café. Gregorius ficou surpreendido e aliviado ao ver que não estremeceu. Observou o rapaz passar e pensou nos livros em cima da secretária. Tinha de esperar até ao início das aulas às duas da tarde. Apenas então poderia ir à livraria comprar um manual de língua portuguesa.

3

Assim que Gregorius pôs a tocar o primeiro disco em casa e ouviu as primeiras frases em português, o telefone tocou. A escola. O toque não iria cessar. Ficou de pé ao lado do telefone e ensaiou as frases que diria. *Desde esta manhã que sinto que gostaria de fazer algo diferente com a minha vida, que já não quero ser o vosso Mundus. Não faço ideia de como isso será, mas não posso adiar mais. Quero dizer, o meu tempo está a esgotar-se, posso já não ter muito mais*. Gregorius disse estas frases em voz alta. Eram verdadeiras, sabia isso; na sua vida, tinha dito poucas frases com tanta precisão quanto estas. Ainda assim, soavam ocas e extravagantes quando ditas em voz alta e era impossível dizê-las ao telefone.

O toque parou, mas começaria outra vez. Estavam preocupados e não descansariam até o encontrar; poderia ter-lhe acontecido alguma coisa. Mais cedo ou mais tarde, a campainha da porta iria tocar. Agora, em fevereiro, escurecia sempre cedo. Não poderia sequer acender uma luz. No centro da cidade, no centro da sua vida, tentava fugir e tinha de se esconder no apartamento onde vivia há quinze anos. Era bizarro, absurdo e soava a enredo de livro comercial. Ainda assim, era *sério*, mais sério do que a maior parte das coisas que alguma vez tinha vivido ou feito. Só que era impossível explicá-lo àqueles que o procuravam. Gregorius imaginou-se a abrir a porta e a convidá-los a entrar. Impossível. Absolutamente impossível.

Ouviu o primeiro disco do curso três vezes seguidas e, lentamente, foi percebendo a diferença entre a língua falada e escrita, e tudo aquilo que era engolido no português falado. A sua memória infalível e fácil para a formação de palavras entrou em ação.

O telefone continuou a tocar em intervalos cada vez mais curtos. Tinha ficado com o telefone antigo de um inquilino anterior, com uma conexão permanente que não podia desligar. Havia insistido que tudo permanecesse igual. Agora, servia-se de um cobertor de lã para abafar o toque do telefone.

As vozes que orientavam o curso de português queriam que repetisse palavras e frases curtas. Os lábios e a língua pareceram-lhe pesados e desajeitados quando tentou fazê-lo. As línguas clássicas pareciam feitas para a sua boca de Berna e a ideia que tinha de se apressar não fazia parte desse universo intemporal. A língua portuguesa, por outro lado, parecia estar sempre com pressa, como a língua francesa, o que o fazia sentir inferior. Florence adorava esta elegância veloz e, ao ouvir a facilidade com que ela falava, deu por si mudo.

De repente, tudo era diferente: Gregorius *queria* imitar o ritmo impetuoso da dança leve do homem e da mulher como um *piccolo*, e repetia as mesmas frases para encurtar a distância entre a sua pronúncia seca e a voz reluzente do disco. Após algum tempo, percebeu que experienciava uma grande libertação; a libertação da sua limitação autoimposta, da lentidão e do peso expressos no seu nome e nos passos lentos e calculados do pai ao caminhar devagar entre as salas do museu; a libertação de uma imagem de si mesmo, na qual era alguém debruçado sobre livros poeirentos, mesmo quando não estava a ler; uma imagem que não tinha desenhado sistematicamente, mas que crescera de forma lenta e imperceptível. A imagem de Mundus, que partilhava não só a sua caligrafia, mas também a caligrafia de muitos outros que achavam agradável e conveniente poderem agarrar-se a esta figura silenciosa de museu e encostar-se a ela. A Gregorius parecia-lhe estar a destacar-se desta imagem como um quadro a óleo poeirento na parede de uma ala esquecida do museu. Andou para trás e para diante na fraca luz do apartamento, pediu café em português, perguntou por uma rua em Lisboa, fez perguntas sobre a profissão e nome de alguém, respondeu a perguntas sobre a sua própria profissão e conduziu uma pequena conversa sobre o tempo.

Subitamente, começou a falar com a mulher portuguesa que conhecera naquela manhã. Perguntou-lhe por que motivo estava furiosa com

o autor da carta. *Você quis saltar?* Entusiasmado, ergueu o novo dicionário e o livro de gramática diante dos olhos e procurou expressões e formas verbais que lhe faltavam. *Português*. Quão diferente lhe soava agora! Antes a palavra parecia possuir a magia de uma joia de uma terra longínqua e inalcançável, mas agora parecia ser uma de mil pedras preciosas num palácio cuja porta acabava de abrir.

A campainha tocou. Gregorius foi em bicos de pés até ao gira-discos e desligou-o. Ouvia vozes jovens, vozes de estudantes, a conferenciar lá fora. Por mais duas vezes, o toque agudo da campainha recortou o silêncio obscuro em que Gregorius aguardava, imóvel. Depois, ouviu o barulho dos passos a recuar nas escadas.

A cozinha era a única divisão voltada para as traseiras e com uma persiana. Gregorius puxou-a para baixo e acendeu a luz. Pegou no livro do aristocrata português e nos manuais, sentou-se à mesa e começou a traduzir o primeiro texto após a introdução. Era parecido com o latim e bastante diferente do latim, mas agora não o incomodava minimamente. Era um texto complicado e demorou muito tempo. Metodicamente e com a resistência de um maratonista, Gregorius selecionou as palavras e perscrutou as tabelas de verbos até decifrar a opacidade das formas verbais. Após algumas frases, estava envolvido por um entusiasmo febril e começou a apontar a tradução em papel. Eram quase nove horas da noite quando ficou finalmente satisfeito:

PROFUNDEZAS INCERTAS. *Haverá algum mistério sob as superfícies da ação humana? Ou serão os seres humanos exatamente aquilo que os seus atos indicam?*

É extraordinário, mas a resposta muda em mim com a luz que cai sobre a cidade e o Tejo. Se é a luz encantadora de um dia brilhante de agosto, aquela luz que produz sombras claras e bem delimitadas, o pensamento de uma profundidade humana escondida parece estranho, curioso até, a roçar ligeiramente a fantasia, como uma miragem que se ergue quando olho demasiado para as ondas que brilham sob esta luz. Por outro lado, se a cidade e o rio estiverem cobertos pelas nuvens de um dia triste de janeiro, por uma cúpula de luz cinzenta, aborrecida e sem sombras, já não tenho maior certeza do que esta: toda a ação humana é apenas a expressão extremamente imperfeita, ridiculamente indefesa de uma vida interior escondida, da sua

profundidade inimaginável que tenta chegar à superfície sem alguma vez a conseguir alcançar, nem remotamente.

A esta espantosa e incomodativa infiabilidade do meu julgamento acrescenta-se outra experiência que, desde que a conheci, submerge a minha vida numa incerteza contínua e preocupante: nesta questão, verdadeiramente a mais importante para os seres humanos, eu vacilo até sobre mim mesmo. Quando me sento em frente ao meu café favorito, a apanhar sol, e ouço o riso titilante das Senhoras a passar, todo o meu mundo interior parece preencher-se por completo e é totalmente conhecido por mim porque se esgota nestes sentimentos agradáveis. No entanto, se uma camada sem encanto de nuvens sombrias emerge em frente ao sol, de uma só vez tenho a certeza de que há em mim abismos e profundezas escondidas, nos quais residem coisas inimagináveis que a qualquer momento podem libertar-se e tomar conta de mim. Então, rapidamente pago a conta e apresso-me a procurar uma distração na esperança de que o sol rompa novamente e restaure a superficialidade reconfortante.

Gregorius abriu o retrato de Amadeu de Prado e inclinou o livro sob o candeeiro de mesa. Frase após frase, leu o texto traduzido para aqueles olhos corajosos e melancólicos. Apenas uma vez na vida tinha feito algo semelhante: quando era um estudante a ler as *Meditações* de Marco Aurélio. Havia um busto de gesso do imperador na mesa e, ao trabalhar no texto, parecia fazê-lo sob a égide da sua presença muda. Mas entre essa altura e agora havia uma diferença que Gregorius sentia de forma cada vez mais evidente com o passar da noite, ainda que não a conseguisse expressar. À medida que as duas da manhã se aproximavam, tinha apenas uma certeza: com a sagacidade das suas perceções, o aristocrata português havia-lhe concedido um despertar e um sentimento de precisão de tal modo que nem o sábio imperador, cujas meditações devorara como se a si se dirigissem diretamente, havia conseguido. Entrentanto, Gregorius traduziu outra nota:

PALAVRAS NUM SILÊNCIO DE OURO. *Quando leio um jornal, ouço rádio ou escuto as conversas dos outros num café, sinto muitas vezes aversão, até mesmo repulsa, pelas mesmas palavras escritas e ditas uma e outra vez — a repetição das mesmas expressões, frases e metáforas. O pior é quando me ouço e tenho de admitir que também eu repito eternamente as mesmas coisas. São tão horrivelmente gastas e esfarrapadas, estas palavras, deterioradas por serem utilizadas milhões de*

vezes. Terão ainda significado? Naturalmente, a troca de palavras funciona, as pessoas agem de acordo com elas, riem e choram, vão para a esquerda ou para a direita, o empregado de mesa traz café ou chá. Mas não é isso que quero perguntar. A minha pergunta é: as palavras serão ainda uma expressão de pensamentos*? Ou serão apenas sons eficazes que movem as pessoas para aqui e para ali porque as marcas gastas da tagarelice reluzem incessantemente?*

Então, vou até à praia e ergo a cabeça ao vento, que queria que fosse gélido, mais frio do que é por estas bandas: que sopre de mim todas as palavras comuns, todos os hábitos insípidos da linguagem, para que possa regressar com uma mente limpa das impurezas da mesma conversa. Mas quando chega a hora de dizer alguma coisa, é tudo igual a antes. A limpeza que desejava não veio por si só. Tenho de fazer alguma coisa e tenho de a fazer com palavras*. Mas o quê? Não é que eu queira escapar à minha língua e adotar outra. Não, não tem nada que ver com deserção linguística. E digo a mim mesmo outra coisa: não podes inventar uma nova língua. Mas será isso que queria fazer?*

Talvez seja isto: gostava de reiniciar *as palavras portuguesas. As frases que surgissem deste novo enquadramento não poderiam ser estranhas ou excêntricas, não poderiam ser exaltadas, afetadas ou artificiais. Devem ser frases arquetípicas e centrais da língua portuguesa, que dessem a impressão de se originarem direta e puramente da natureza transparente e brilhante desta língua. As palavras devem ser imaculadas como o mármore polido e devem ser puras como notas numa partitura de Bach, transformando tudo o que haja além delas próprias em silêncio. Por vezes, quando sinto em mim um resquício de conciliação com o pântano linguístico, penso que poderia ser o silêncio agradável de uma sala de estar acolhedora ou o silêncio relaxado entre amantes. Mas quando sou absolutamente tomado pela raiva aos hábitos peganhosos das palavras, então não será mais do que o silêncio claro e frio do espaço escuro, em que atraio as minhas órbitas silenciosas enquanto único falante de português. O empregado de mesa, o barbeiro, o maquinista — todos ficariam espantados ao ouvir as novas palavras, um espanto que diria apenas respeito à beleza das frases, a beleza brilhante da sua clareza. Seriam, imagino, frases persuasivas, assertivas, até. Incorruptíveis e firmes manter-se-iam como palavras de um deus. Ao mesmo tempo, não seriam exageradas ou pomposas, tão concretas e lacónicas que não poderia retirar-se uma única palavra, uma única vírgula. Assim, seriam como um poema, entrançado por um ourives de palavras.*

Sentindo uma pontada no estômago provocada pela fome, Gregorius forçou-se a comer alguma coisa. Mais tarde, sentou-se com uma chávena de chá na sala de estar escura. E agora? A campainha tinha tocado mais duas vezes e tinha ouvido, pela última vez, o toque abafado do telefone pouco antes da meia-noite. Amanhã haviam de preencher um relatório de desaparecimento e a polícia viria bater à sua porta. Ainda podia regressar. A um quarto para as oito, poderia atravessar a Kirchenfeldbrücke, entrar no Gymnasium e retratar a sua ausência misteriosa com alguma história que o faria parecer ridículo, mas seria apenas isso, e não destoava de si. Nunca saberiam nada sobre a enorme distância que percorrera interiormente em menos de vinte e quatro horas.

Mas aí estava a questão: ele *tinha* percorrido essa distância e não queria permitir-se ser obrigado pelos outros a desfazer esta jornada silenciosa. Pegou num mapa da Europa e contemplou como chegar a Lisboa de comboio. As informações dos comboios, ficou a saber pelo telefone, apenas abriam às seis da manhã. Começou a fazer as malas.

Eram quase quatro quando se sentou na cadeira, pronto para partir. Lá fora, tinha começado a nevar. Subitamente, toda a sua coragem desapareceu. Era uma ideia absurda. Uma mulher portuguesa, confusa e sem nome. Notas amareladas de um aristocrata português. Um curso de língua para iniciantes. A ideia do tempo que se esgotava. Não se foge para Lisboa a meio do inverno por causa destas coisas.

Às cinco horas, Gregorius telefonou para Constantine Doxiades, o oftalmologista. Telefonavam-se várias vezes a meio da noite, partilhando o problema de insónias comum aos dois. As pessoas com problemas de sono estavam ligadas por uma solidariedade tácita. Por vezes, jogavam um jogo rápido de xadrez às cegas e, depois disso, Gregorius ainda conseguia dormir um pouco antes de ir para a escola.

— Não faz muito sentido, pois não? — perguntou Gregorius, após contar a sua história errante. O Grego manteve-se em silêncio. Gregorius estava familiarizado com este silêncio. Agora, fecharia os olhos e apertaria a cana do nariz entre o polegar e o indicador.

— Na verdade, faz. Faz sentido — disse o Grego. — Na verdade, faz.

— Ajudas-me se, pelo caminho, não souber como continuar?

— Telefona-me. A qualquer hora. Não te esqueças dos óculos de reserva.

Ali estava ela, a certeza lacónica na sua voz. Uma certeza médica, mas também uma certeza que ia além da esfera profissional; a certeza de um homem que reservava tempo para os seus pensamentos, de modo que pudesse exprimi-los mais tarde em julgamentos válidos. Durante vinte anos, Gregorius tinha ido a este médico, o único capaz de eliminar o medo de ficar cego. Por vezes, comparava-o com o pai que, após a morte prematura da sua mulher, parecia demorar-se sempre na segurança empoeirada de um museu, independentemente de onde estivesse ou do que estivesse a fazer. Gregorius aprendera cedo que esta segurança era muito frágil. Gostava do pai e tinha havido momentos em que o sentimento era mais forte e profundo do que apenas gostar. Mas sofria com o facto de o pai não ser alguém com quem pudesse contar, alguém em quem se apoiar; ao contrário do Grego, cujo julgamento sólido era de confiança. Por vezes, sentia-se culpado por esta acusação. A segurança e a confiança que não tinha não eram algo que uma pessoa pudesse controlar ou ser acusada de não ter. Era preciso ter sorte para se ser uma pessoa autoconfiante e o pai não tinha tido muita sorte, consigo próprio ou com os outros.

Gregorius sentou-se à mesa da cozinha e rascunhou cartas para o diretor. O tom era demasiado abrupto ou demasiado apologético. Às seis horas, telefonou para as informações ferroviárias. De Genebra, a viagem demorava vinte e seis horas. Passava por Paris e Irún, no País Basco, seguindo a partir daí no comboio noturno para Lisboa, onde chegava às onze da manhã. Gregorius encomendou o bilhete. O comboio para Genebra partia às oito e meia.

Acertava agora no tom da carta.

Honrado Diretor, Caro Colega Kägi,

A esta hora saberá que saí ontem da sala de aulas sem nenhuma explicação e que não regressei, e saberá também que permaneci incomunicável. Estou bem, nada de mal me aconteceu. No entanto, no decorrer do dia de ontem, tive uma experiência que mudou muitas coisas. É demasiado pessoal e ainda demasiado obscura para colocar por escrito. Posso apenas pedir-lhe que aceite as minhas ações abruptas e inexplicadas. Penso que me conhece suficientemente bem para saber que tal não acontece por imprudência, irresponsabilidade ou indiferença. Vou embarcar numa jornada longínqua e está ainda em aberto quando regressarei e em que sentido. Não espero que mantenha o meu lugar aberto para mim. Grande parte da minha vida foi interligada com o Gymnasium e estou certo de que vou sentir falta. Mas, agora, algo me impulsiona a afastar-me no que poderá ser um movimento final. Ambos somos admiradores de Marco Aurélio, pelo que lembrar-se-á desta passagem nas suas Meditações*: «Faz mal a ti, faz mal a ti, minha alma; mais tarde, não terás a oportunidade de te respeitares e honrares. Cada homem tem apenas uma vida. Embora a tua esteja quase no fim, nela não tiveste consideração por ti e colocaste a tua felicidade nas almas dos outros… Mas aqueles que não atentam aos impulsos das suas mentes devem forçosamente ser infelizes.»*

Obrigado pela confiança que sempre demonstrou ter em mim e pela sua colaboração. Estou certo de que encontrará as palavras certas para dizer aos estudantes, palavras que os assegurarão de quanto gostei de trabalhar com eles. Ontem, antes de sair, olhei para eles e pensei: quanto tempo ainda têm à sua frente!

Na esperança da sua compreensão e desejando as maiores felicidades para si e para o seu trabalho, subscrevo-me,

Raimund Gregorius

P. S.: Deixei os meus livros em cima da secretária. Pode ir buscá-los e certificar-se de que nada lhes acontece?

Gregorius colocou a carta no correio da estação de comboios. Na caixa de multibanco, tremiam-lhe as mãos. Limpou os óculos e assegurou-se de que tinha o passaporte, bilhete e livro de endereços. Encontrou um lugar à janela. Quando o comboio saiu de Genebra, caíam grandes flocos de neve.